

QUINTA-FEIRA
Lisboa--23 de Junho-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO



57
sempre
five semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINA
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57



OS NOSSOS CARICATURISTAS - STUART CARVALHAIS, por ele mesmo

Stuart Carvalhais

Eis um artista a quem Deus disse:

—Dou-te talento e faze-te milionário!

E logo ele começou a honrar o dom de Deus e a comprometer as suas flebeis finanças.

A sua cabeleira revolta, carregada de feitiços, agitada como a rama dum pinheiro, devia ser o Sinai da sua gloria, a aureola que as musas lhe beijariam, nas horas divinas da inspiração. Stuart, porém, deixa-a andar à solta, em busca dum ponto cardeal que ele descobre—visionário!—quando está de lapis em punho, mas nunca com o auxilio de um pente.

Os seus olhos pequeninos, turbulentos, inquietos e undivagos nasceram numa gruta marinha, certamente presente de algum seu antepassado que vagueou pelos mares do Norte, no amor louco das Sirenas.

Da sua barba pode dizer-se que se lhe pegou ao rosto

como o azul ao céu—resiste a Figaro e ao estilo patético dos amigos, que lhe aconselham brandura... nos promontorios.

O riso de Stuart—um riso em que se combina a alegria dos *Borrachos* de Velasquez com a vaga tristeza errante dos soldados de Carlos V—manifesta-se como os regatos que correm entre pedras e ervas altas: necessita um raio de sol, ou antes o abraço dum amigo.

Stuart, quando se sente estimulado e admirado, rompe a sua carapaça de névoas e cuidados e ilumina-se, pondo na boca uma canção. É costume falar-se dele, nestes termos:

—Se o Stuart trabalhasse, se não fôsse tão desleixado...

Com efeito, ele descarta os seus interesses materiais: poderia ajuntar milhões, se obedecesse ao signo que Deus lhe deu.

Mas qual é o artista que não furta a fortuna para entregar à Arte?

A pobreza dos *aleliers* é feita de tesouros que ninguém vê. Um grande sonho—um sonho que dura a vida toda—não se converte em bilhetes de Banco.

Stuart caricatura, desenha, pinta, faz bonecos de graça ingenua e *grimaces* de impureza tragica, vai da bucolica à *charge*, da policromia gritante e matinal ao escuro e claro-escuro dos bécos e almas sem saída—que tempo lhe resta para reunir o seu ouro, contar os seus dobrões e conhecer as mulheres que rondam os artistas como as feiticeiras os meninos?

Stuart, em certas manhãs de desalento, aparece apagado, murcho, desarticulado, decapitado—nas solas dos sapatos, mil leguas do Sahara... É a sua maneira de assistir ao funeral dum sua ilusão.

Morreu uma das tuas quimeras—ó caminheiro da amargura!

Resolve, então, partir para o Rio de Janeiro, para Paris, para o Telhal, para a noite de Walpurgis ou para o Tahiti...

Stuart que, sob o ponto de vista *toilette e figura*, todos os dias se imagina um aspecto novo—Rembrandt e Gavarni—umas vezes uma flôr na lapela, um chapéu boémio bailhando-lhe na cabeça, como uma flamula no topo dum mastro, outras vezes o ar dum penitente, os ombros decaindo, implorando a lage dum claustro—Stuart, o nosso querido Stuart, nunca sairá de Lisboa, porque esta cidade é a chave do seu enigma, a explicação da sua grandesa e da sua paqueness, o assunto que o seu lapis namora e o licor ardente que lhe acorda no coração as contradicções irremediáveis do seu destino, mas também as auroras boreais do seu estro.

Joaquim Manso.

COCAINA



Ilusão



Realidade

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



--Dissoram-me que eu tenho um rosto classico. Que quer isso dizer?
--Não sei bem, mas parece-me que se trata de uma coisa velha.



O excursionista: -- Pois com este pico não contava eu...



--Este pobre homem é o que pede o emprego.
--Ele já sabe que o lugar exige uma grande paciência? Tê-la-ha ele?
--Creio que sim. Pelo menos usa acendedor automatico...



--Itoberto, jogando, faz-me lembrar o Paulo.
--Mas o Paulo não é jogador de tennis.
--Pois é por isso mesmo.



Ela: --Não sei para que diabo servem estas exposições...
Ela: --A's vezes para se fazer comparações.

A subscrição PARA A TESOURA DE PRATA

Aumenta a olhos vistos a subscrição aberta no nosso numero anterior para compra de uma tesoura de prata, que ha de ser oferecida aos colaboradores *fixes*, gratuitos e obrigatorios do *Sempre Fixe*.

De todas as partes do mundo nos chegam, por cartas, telegramas, sem-fios, cabogramas, aviões, pombos correios, almocreves, estafetas e outros mensageiros não especificados, as mais fervorosas adesões á nossa iniciativa, as quais, na impossibilidade de as eternizar em bronze, havemos de passar a barro das Caldas, para elucidação dos vindouros.

Damos hoje os nomes de mais alguns subscritores, que são os seguintes:

Transporto	40 cent.
Afonso Costa	10 "
Jaime Cortezão	10 "
Antonio Sergio	10 "
Alvaro de Castro	10 "
Tamagnini Barbosa	10 "
Cunha Leal	10 "
Bourbon e Menezes	10 "
Da Cunha Dias	10 "
Sebastião, Fernandes & Neves	7,5 "
Pereira da Rosa	10 "
Eduardo Schwalboch	10 "

1.47,5

Recebemos tambem a seguinte carta:

Sr. Director:--*Sempre Fixe*, no seu ultimo numero, apela para que oscriitores, jornalistas e desenhadores concorram á subscrição para a compra da tesoura de prata.

Jamais alguém teve a petulancia de nos acusar de escriptores, jornalistas ou desenhadores, e entretanto podemos arrogar-nos qualquer destas qualidades--senão todas. Provamo-lo, jurando pela nossa honra ter sido esta oserita por nós, sem o menor plágio.

Sendo nós autores destas linhas, julgamo-nos por consequencia escriptores e bom assim jornalistas, pois escrevemos para um jornal.

Partindo do principio que somos, pelo menos, escriptores e jornalistas, e achando de todo simpatica a ideia da compra da tesoura de prata, rogamos a V., sr. Director, o obsequio de nos incluir como subscritores, com a quantia de \$07,5 (sete contavos e meio), que enviamos em «bom» papel-mooda da casa da dita.

Esperando que V. nos desculpe a exiguidade da oferta--unica soma que actualment, possuímos em cofre--subscrevemo-nos, fazendo votos para que a iniciativa do *Fixe* seja coroada do melhor exito,

Com toda a consideração,
Sebastião, Fernandes & Neves.

Um depoimento... esmagador



UMA RAÇA QUE O DOUTOR JOÃO ELOI SE PROPÕE EXTINGUIR

A POLICIA DE INVESTIGAÇÃO TAL COMO O SEU DIRECTOR A PINTOU

QUE TENTASÃO DE ANEL!

Pela espandida conferencia do dr. João Eloí, foon o País sabendo que a P. L. O., por falta de verba e quasi esquecida, está «presa» em todos os seus movimentos e «incomunicavel» com os modernos ensinamentos das suas congéneres lá de fóra. Em resumo, se não lhe acodem, a P. L. O. vai a FIQUE.

Ao de leve...

MISS PORTUGAL

Miss Portugal, ou por outra, *Miss Noticias*, uma pobre pequena que um jornal descobriu na pacata Porcalthota e que, segundo o resultado da eleição, não fez successo na America, o que é desmentido pela prosa dum enviado especial, ao chegar a Lisboa, disse que tinha muitas saudades de Portugal, confessou que o sr. Afonso Costa, para lhe ser agradável, aderira á Monarquia, que o bacalhau, na America, era fornecido de automovel e que a tinham presentado com um colar de pérolas avaliadas em alguns contos...

A *Miss Noticias*, porém, não está tão desconsolada como a principio se afirmou. E a prova que apanhou um premio de consolação é que vai voltar á America... E é pena! *Miss Noticias* era já uma gloria nacional e uma fonte de reclame. Temos a *Miss* em diversas fórmias e feitios: em fita, em frascada de conserva, em caixa de bolachas, postais de tostão, molduras, etc. Como pode haver algum leitor que não tenha visto a fotografia da menina Margarida, apresento-lhe a cópia dum retrato, feito pelo sr. Antonio Ferro, no *Diario de Noticias* de 15 de Junho de 1927:

«*Miss Portugal* é mais bela do que eu supunha. Risco a *Miss* para só ficar Portugal. Sou um marinheiro... de agua doce. A beleza da Margarida é uma trouxa d'ovos, é uma aldeia, uma aldeia com igreja, sinos, uma



praça de touros e um jardim. Os seus olhos são um fogão de petroleo e um chafariz de Andalus. Se ha frio aquecem, se ha calor matam a sede. O seu cabelo é uma floresta. A sua boca froscá é um pucaro de barro (III) No seu corpo harmonioso, descobre-se cada paisagem que até faz doer a vista. Olho e não vejo tipo mais espectacular, mais teatral...» etc., etc.

Acredito! Pela descrição do sr. Ferro, depreende-se que o *Noticias* enviou, não uma beleza feminina, mas um autentico fenomeno!

O ter comparado a boca com um pucaro de barro é piramidal! A menina Margarida decerto que deve estar bastante ofendida com o caso. E' que todos sabemos que tal objecto, além de modicromente fabricado, tem uma boca larguissima...

A proposito do desfile das candidatas ao concurso de Galveston, o sr. Ferro, referindo-se a *Miss Espanha*, escreve: «*Transforma as suas mãos em bandarilhas e toureira o publico durante todo o percurso...*»

Consta-me que os individuos casados que assistiram a esta americanice enviaram um telegrama ao *Noticias*, protestando contra tal afirmação.

Recix.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A festa de Joaquim Almada foi em cheio. O artista recebeu inúmeras prendas. Um dos seus mais acreditados cologa, num gesto requintado de elegancia, depôs na bancada do camarim um economico quarto de papel onde se lia:

Vale três riquissimas gravatas na casa tal...

Almada agradeceu o presente por escrito, mas jura que nunca usará semelhantes gravatas, com medo de ficar enforcado.

Tal é a intenção!

A mania dos ordenados volumosos —vai dos grandes aos pequenos. Uma gentil actriz, cujo futuro promete largamente, não hesitou em pedir um ordenado fabuloso para ir na tournée Chaby Pinheiro-Leopoldo Frois. Pelos numeros e garantias —o seu contrato excedia o de Palmira Bastos, ha meros de dois anos, nas mesmas condições.

Devagar se vai ao longe, Marial

O teatro tambem ás vezes é a fortuna! A questão é encontrar na seara da vida uma *espiga*... de ouro para debulhar com talento. Certo autor e distintissimo poeta já adquiriu com os direitos das suas obras um automovel magnifico.

Para quê, se ele é dos tais que, mesmo andando a pé, chega sempre á meta?

O *Joãozinho*, valha a verdade, nasceu muito enfezado. Ninguém dava nada pela criança. O Pereira andava arreliado com os padrinhos que tinha escolhido. Dias depois, *O Joãozinho*, fazendo honra aos progenito-



Um amor de «Lagartixa»

res e tradutores, estendeu os braços, as pernas, os beijos...

Emfim, é o que se chama um bom sucesso, embora o parto tivesse sido difficil!

JÁ se anuncia a *Aldeia dos Macacos*, para o Politeama. Será um estudo do natural? Cautela com as semelhanças... Ninguém gosta de se ver retratado.

Esperamos que os fotografos Line Ferreira, João Bastos e Felix Bermudes tratem os descendentes de Darwin com carinho e condescendencia...

NA revista *Cosido á Portuguesa*, o empresario Almeida Cruz, que ha semanas trabalha consecutivamente, faz um unico papel, intitulado «A Coragem».

Como simbolo de resistencia, diz ele que não ha melhor!

ESTAMOS na ma: das peças populares. Agora é a *Cigarreira de Xalregas*.

Se o tabaco fôr bom, não faltarão apreciadores.

O Varietades vai remontar a celebre peça *O Comissario de Policia*. Garantimos que não se trata do sr. Ferreira do Amaral!

ESTREIOU-SE, na segunda-feira, no Trindade, a cancionista Tsune-ko, a Raquel Mellir do Oriente.

Do Grande Oriente? O Erico Braga não anda muito satisfeito com a designação. Compreende-se! Não quer nada com a *Maçonaria*, e muito menos com *O Correo da Manhã*...

DEVEM funcionar este verão em Lisboa todos os teatros, exclusivé o Gimnasio e o S. Luís.

Não ha fome que não dê em fatura... O publico tem tanto por onde escolher que é possivel que enjoe a abundancia dos piteus...

O Homem das 5 horas



—O que é que tu fazias se fosses eleita rainha do comercio?

—Deixava o Chicó e arranjava um «papo seco».



—Eu então, quanto mais gaz ina tenho, mais me custa a descolar... mas tambem tenho mais raio de acção.

UMA ANEDOTA por semana

A força do habito

O Zé Sem Nariz (ou o Zé Sans Nez, como se dizia em Coimbra nesse tempo) era o proprietário dum restaurant, onde a academia, longe de restaurar as suas forças, depauperava a algibeira e o estomago quotidianamente.

Agarrado ao vintem, como ele dizia na sua linguagem pitoresca, Zé Sem Nariz não arredava pé do balcão. Sempre sentado na sua cadeira, junto da gaveta, ali passou trinta ou quarenta anos da sua vida, para atender a freguesia, para dizer o que havia para o jantar, de olho permanentemente álferta, não fosse algum estudante sair sem pagar o bacalhau com grelos, que ele endia como se o bacalhau fosse ouro e os grelos pedras preciosas.

Conhecia toda a gente e não havia ninguem que o não conhecesse, não diríamos já de gingeira, mas da ginginha.

Zé Sem Nariz, apesar da falta do apêndice nasal, que talvez, por não ser feição, o não excluía do numero dos felizes mortais que conhecem o amor, tinha uma amante, uma rapariga interessante, garrida, tricaninha da Alta que se deixara enlevar por ele que, se não era um Adonis, era dono de uma casa de pasto. Mas uma noite, Cupido surgiu sob a forma de um sargento de infantaria e, quando Zé Sem Nariz voltava á noite para casa, não diremos muito senhor do seu nariz, porque o não tinha, mas muito senhor da receita do restaurant naquele dia, encontrou o ninho vazio. A amante tinha dado ás de Vila Diogo com o sargento e deixara ficar sobre a cama este laconico bilhete: «Estou farta dum homem incompleto».

Irado a principio, Zé Sem Nariz cahia dahi a pouco numa grande prostração e as lagrimas corriam-lhe em fio pela cara abaixo. Assim levou toda a noite e toda a manhã do dia seguinte, mas a sua dôr não o impedia de continuar na recolha do vintem. ás 9 horas, já ele lá estava no seu posto para atender os fregueses, pendido e murcho como um chorão, com as lagrimas caindo ás quatro e quatro.

Momentos depois, entrou a primeira lufada de rapazes. Ninguem sabia da tragedia intima, mas o simples aspecto do Zé Sem Nariz denunciava a mais intensa das dôres e os rapazes inquiriram, pressurosos, talvez na intensão de lhe dirigir uma palavra de conforto.

—Que tem hoje, seu Zé?

Porque o habito é uma segunda natureza, Zé Sem Nariz, escravo do dever e do vintem, retorquiu entre soluços:

—Tenho pescada com batatas, carne guizada com ervilhas, ovos com chouriço, carne para bifés...

E nisto, uma formidável gargalhada cortou a lista dos pitous que Zé Sem Nariz se propunha desfiar até o fim.

Ninguem respeita a dôr albeia!

BRISTOL CLUB DANCING
Jantar concerto das 19 ás 22 h.

Um artista

Não conheço, nem ha em Portugal, e difficilmente se encontra lá fóra, nos países da arte e dos estímulos, desenhador mais espontaneo e temperamento mais bizarro.

Stuart — m a scentelha. Nenhuma pupila mais aberta, vendo melhor e mais predestinadamente do que a sua. Nenhum traço mais delicado, bravo e inconscientemente nobre.

Ha nos desenhos de Stuart — nos seus grandes desenhos, dignos de galxia de Museu, e de que os Museus desdenham, talvez pela humildade — tudo o que faria um artista de raça eleita. A fidelidade, a ternura, a graça caricatural sem exagero, ora a delicadeza, ora a desgraça, ora o

tag dar o bonito exacto, num milagre de conjunto e numa simplicidade de processos.

Stuart Carvalhais e José de Almada Negreiros — absolutamente este oposto áquele nos processos e na inspiração — fazem o par mais gentil dos artistas portugueses do desenho, fóra das academias. Enquanto o artista da *Mulher e dos galgos* se refina, numa tendencia aristocratica e reboide de linhas — Stuart procura no filão inextinguível do povo e nos motivos triviais da beleza a sua arte inconfundível, e que resistirá ao tempo e á ingratição da época nalguma contena de cartões que andam por ahí perdidos pelos cenáculos dos raros, apenas.

A miseria eterna e o eterno femi-



O caricaturista inexcedível dos tipos da rua. Carradas de talento e de areia. Tem uma unica aspiração: um palacete em Figueiró dos Vinhos, Stuartisticamente guarnecido de moveis de vinhatico, estofados a roxo. Consta que está ilustrando, com rigorosa propriedade, A taberna, de Zola. Divisa: O' copos hic labor est

vicio, ora a immaculada frescura dos petizes — o talho esbelto.

A alma encantadora das ruas — no dizer de João do Rio —, o comico da cidade e a poesia da Humildade, residem em Stuart como no coração de uma rocha virgem pedaços de diamantes por lapidar.

Sem exagero, descobre-se nele, nesse rapas que a si proprio tão insufficientemente se respeita, qualquer coisa de Verlaine.

Enquanto do seu lapis bravo e exuberante de sensibilidade refulgem pequeninas belezas — Stuart é castigado pela existencia, como premio á scentelha mater, que nele tem a sua feição especial, como em todos os heróis espontaneos.

Ninguem em Portugal tem, como esse artista do coisas rapidas e que mal se apegam á Historia — o sentimento da cor, o segredo de nas tin-

nismo ficam a agua forte nos apontamentos apressados de Stuart. Nasceu poeta do desenho, para cantar em quadras e modelar em sonetos, nunca em poemas, as coisas lindas da vida e a face escura da cidade.

Contraditório aparentemente, na sua obra ha uma unidade fulgente. E essa contradicção vem-lhe de criança.

Quando estudante no liceu de Evora — elo que não tem preocupações de cultura literaria, esteve bem em todas as disciplinas e ficou sempre reprovado em desenho...

Eram os fados a dizerem: serás artista.

E foi, e é, dos mais simples, dos mais ingenuos, dos mais belos da historia portuguesa contemporanea do traço e da cor.

Norberto de Araujo.

Fitas faladas

Esta coisa de fazer cronicas cinematograficas é um bem ingrato fado. Com vontade ou sem ela, todas as semanas ha que dar á luz... da publicidade meia-duzia de piadas... frescas, para não perderem a oportunidade. Ora a frescura das noticias, se é que satisfaz a curiosidade do leitor, é incompativel com a melindrosa moralidade da censura. Mas, como dizia o douto Sebastião Barbosa, inda o pior não é isso.

Para o pacato cinéfilo militante, admirador, conforme o sexo, das catrapiscadolas da Laura Laplante ou dos biceps do Reginald Denny, o caso reduz-se simplesmente á shakespeareana questao: *vêr ou não vêr*. Mas o pobre cronista, condenado aos reflexos periclitantes dos ecrans, ha tem que gramar por força qualquer filmagada que appareça.

O Olimpia, satisfeitissimo com o *Triunfo de Far*, a ultima e irreveravel jornada Jaquele filme que até parecia uma sessão do Parlamento, porque todos os personagens levavam o argumento a chamarem gatunos uns aos outros, exhibo o *Pugilista por Amor*. Por amor... de Deus, não peçam para mo pronunciar. O Reed Howes, se não é capaz de fazer nada com geito, é capacissimo de me atirar um *uppercut* que me obrigue a fazer obras na fachada.

O Central tambem não pode inspirar a minha veia... cava. Aqui pa-



JAVERT (Jean Toulout)

ra nós, se eu dissesse que isto de aguentar programas com o saltitante Ricardito é um abuso, e que a Mary Walcamp e o Far-West já deram o que tinham a dar, o Lopes Freire nunca mais conceda o gracioso *fauteuil* que me espera.

Finalmente, no Tivoli, pode vêr-se o resto... da divisão que houveram por bem fazer aos *Misravis*. Os personagens são os mesmos da semana passada, embora se decidissem todos a envelhocer, a não ser o Jean Toulout. Na verdade, o Javert de mata-cósinhos brancos, podemos já vêr o que seria...

O tradutor continuou na sua furia galcída. A Rua da Vidraria, a Rua do Homem Armado, a Casa de Corinto e outras, são verdadeiros atestados da patriótica *aversão* francesa — se assim se pode chamar a uma versão mal feita.

Tambem vai uma fita de Raio e do seu cavalo Fred Thomson. No fim ha uma tourada mexicana em que, pela primeira vez, mulas de arrasto levaram touros mortos do écran do Tivoli. O facto despertou no publico um louco entusiasmo, tendo sido feita uma manifestação ao sr. Herrera del Amaral. Será bom não esquecer que o caso foi no Mexico, porque eu, se simpatizo com as mexicanas, não gosto de chicanas nem de mexericos.

E agora façam o favor de me dizer o que hei de *cronicar* esta semana?

Retardador.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

PARADOXOS E CHINEZICES

FRASES COLHIDAS

por um ouvido "colhido"...

Não ha ninguem neste mundo que não tenha proferido um dito feliz ou uma frase digna de ser arquivada num almanaque, exceptuando, é claro, os mudos de nascença, os palradores de comicos e outros massadores congeneres que, embora muito falem, nada dizem, ou ainda aqueles que trazem sempre engatilhada na ponta da lingua esta frase, que é uma resposta para as perguntas indiscretas:—«O calado é o melhor!»

As frases que abaixo transcrevo foram colhidas ao acaso, foram *atrapalhadas* pelas minhas orelhas, que não fazem *cera* quando se dão ao trabalho de ouvir as conversas dos outros... São umas orelhas sempre á escuta, umas orelhas que são todas ouvidos...

Tem a palavra...

Um cego.—Estendo a mão á caridade quando ouço na calçada os passos dos transeuntes, mas, caso estes andem calçados de «Crepê Ceilão», tenho que servir-me do meu golpe de vista...

Um que vê.—Embirro solenemente quando alguém, querendo saber a minha opinião sobre qualquer assunto, me pergunta:

—Então, qual o seu modo de vêr?...

Um medico.—Não ha nada mais aborrecido para um clinico do que atender um doente filiado numa associação de socorros mutuos...

Um noivo.—Quando namoramos, a mulher é a «deusa» dos nossos sonhos. Desde que casamos, essa mulher não será a «deusa» que nos impede de sonhar?...

Um marido.—Casei por encontrar em minha esposa um unico encanto: os cabelos. Estou casado, portanto, pelos cabelos...

Um genro.—Entre uma sogra impertinente e uma impertinente constipação, não existe diferença alguma. A primeira põe-nos a suar, a segunda põe-nos assoar...

O luto por uma sogra é um luto aliviado...

Uma sogra.—Dizem que é mais facil fazer calar uma melancia do que uma sogra. A razão é simples: é que a melancia é sempre fresca...

Uma viuva.—A mocidade é uma letra que se vence quasi sempre no dia do casamento. Desde que um dos acastantes fique viuvo, é uma reforma dessa letra e, portanto, da mocidade...

Uma que frequenta o Bristol.—A mulher moderna não usa saias. Usa «combinações»...

Um dentista.—Confio todos os meus segredos a um desdentado de todo. Tenho a certeza de que não poderá dar com a lingua nos dentes...

Um alcoolico.—Dizem que todos nós temos o caminho traçado na vida. Aos litros «traçados» que eu tenho bebido, esse caminho é para mim aos zig-zags...

Quando caio, apalpo a terra e digo com os meus copos:—Isto foi chão que deu uvas...

Quando estou embriagado, querem os meus amigos que eu faça um 4 com as pernas. Não é porque não possa, o que eu não sei é a aritmetica...

Chamam-me talassa. Que culpa tenho eu de ficar azul quando bebo do branco?...

Chamam ao vinho sangue de Cristo. Aos litros que tenho no bucho, é de crêr que ande com Deus...

O vinho não cria só bebedeiras... Também cria flôr...

Caso estes ditos não agradem ao leitor, desde já dou os ditos por não ditos...

Tenho dito.

Seraval.

NOVELA TEATRAL

PROGNOSTICO REALISADO

Novela curta, curtissima, onde se demonstra a forma como Ermelinda Pires—a Pires da rua dos Fanqueiros—debutou no teatro

D. Miquelina Pires, habitante dum quarto num quarto andar da rua dos Fanqueiros, tinha uma filha, Ermelinda Pires—muito magra e olheironta sem us... qualquer pro... artificial, labios carminados por uma composição muito desconhecida que era a arrelia das visinhas—ficou um dia estupefacta quando a filha perentoriamente lhe declarou que queria ir para o teatro. E aduziu varias razões:

—Tambem lá está a Maria que foi nossa criada. Não tem a educação nem a minha cultura, e já dis ai num fim de terceiro acto. E tem um casaco de pelos...

Alegou ainda varias razões que, com a principal—a do casaco de pelos...—induziram a D. Miquelina a procurar Bonifacio Beltrão, tido e havido como conhecedor do meio teatral, onde se dava ares importantes, como pessoa que, com o lugar que occupava, fazia ares e estrelas de teatro, aumentava ou diminuía a reputação artistica de actores e actrizes. Bonifacio Beltrão, visita da rua dos Fanqueiros, era chefe de *clique* num dos teatros de Lisboa.

A entrevista entre a mãe da futura estrela, esta e Beltrão realizou-se no escritório deste, á Praça dos Restauradores. Feitos os cumprimentos da praxe, D. Miquelina justificou a sua visita:

—Minha filha, illustre sr. Bonifacio Beltrão, minha filha quer entrar para o teatro. Diz que a scena a atrae como o sapo atrae a doninha e que me faz uma scena se lhe não faço a vontade, e que nas veias sente o sangue de Brazão, Rosas e de todos os actores havidos e por haver!... Seja dito a proposito que não tem razão — eu nunca prevariquei com comicos... Como ela quer e toima, que lhe hei de eu fazer?...

E continuando o discurso, práticamente estulado em casa:

—Como o meu amigo é mestre em coisas de teatro, dizem que é o senhor quem faz o desfas glórias, vinha-lhe pedir que nos ajudasse e me dissesse se a pequena tem ou não inclinação para o palco...

—Com mil vontades—diz Bonifacio, sorrindo-se benevolente—mas enquanto a menina me recita algum trecho melodramatico, vá a D. Miquelina dar um passeio até á Ribeira Nova... (Como já dissemos, o escritório do Bonifacio ficava aos Restauradores).

E acrescentou confidencialmente: —A presença da familia atrapalha-as e prejudica a dicção. E', bem vê, preciso que se afaste...

D. Miquelina afasta-se. Vai a passo de boi até á Ribeira Nova e volta em passo de procição novamente aos Restauradores. Quando entrou, Bonifacio disse-lhe com o sorriso mais feliz que ha memoria em sorrisos felizardos:

—A sua filha é um portento. Está aqui uma grande artista. E que artista!... Acabo de proceder ás provas indispensaveis para formar o meu juizo e dessas provas vim palpavelmente ao conhecimento de me achar em frente dum prodigio! Ou eu me engano muito, ou todo o publico achará na nossa Pires a vocação, o entusiasmo, o fogo, o estof— como se diz em calão teatral—duma artista de grandes recursos e de larguissima carreira!

E apontando para a cabeça do futuro portento:

—Que vocação!... Ela tem alguma coisa aqui dentro...

A nossa Ermelinda entrou para o teatro e mezes depois fomos encontrá-la e á mãe junto do berço onde repousava um loiro baby, criminosa e suspeitamente parecido com o illustre homem de teatro Bonifacio Beltrão. D. Miquelina, a meia voz, ruminando as palavras do Bonifacio, ao lembrar-se do seu passeio á Ribeira Nova:

—Bonifacio dizia aquele sabio: ela tem alguma coisa ali dentro...

E um pouco despeitada:

—No que ele se enganava foi quando lhe apontou para a cabeça...

Costa Junior.



—E ainda ha quem diga que as caves não tem boa vista...

Bom humor

Dois amigos falam de politica:

—Acredita, dizia um, que não tenho nenhum partido; pelo menos, nunca publicamente o fiz...

—Pois sim...

—Pois sim?! Ora essa! Você já me ouviu dar um viva a alguém?...

—Pudera... Você é medico!...

* * *

Uma petisita vai ao ourives, acompanhada pela mãe, para que este lhe fure as orelhas. A pequena começou a chorar e a mãe disse-lhe:

—Então tu não vês que é o Pal do Céu que quero que se ponham brincos ás moninas...

—Pois sim... Se isso fosse verdade, já ele nos tinha feito com as orelhas furadas...

* * *

Uma actriz muito conhecida, já entrada em anos, convidou uns seus antigos admiradores para ceiar em sua casa.

A cozinheira comprou uma perúa desastrosa... A perúa era magra, de pele escura e rugada, numa palavra, inapresentavel. A patrão increpou a criada pela sua compra e ela respondeu-lhe assim:

—Olhe, minha senhora. O animal no é grande coisa, mas uma vez assada e guarnecida na travessa, regada com o molho, rodeada de purés, enfeitada com azeitonas e conservas varias, verá como fi... Fica exactmaante como a senhora quando pinta os beiços e põe as suas joias...

* * *

Um sujeito janta no restaurant muito á pressa e, no fim, diz para o criado:

—Traga-me a conta sem demora.

—Pronto, ei-la.

—Quanto é?

—Dezaseis escudos.

—Toma lá vinte e guarda o resto. Rapidamente, levanta-se e, sem olhar, tira do cabide um sobretudo.

Uma vez na rua, olha para ele e diz:

—Ora bolas! E' o meu...

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA



O dentista:—Deus meu, que raiz! Isto é uma raiz cubica.

PROSA DE CHA VELHO

Duma geração de actrizes — avó, mãe e neta — dizia outra espiritosa e falecida actris, que lembravam aqueles copos de viagem cujos componentes saem uns de dentro dos outros. Não se pode dizer precisamente o mesmo da serie de cavaleiros Casimiros, mas confessemos que, ao vêr o José fazer as cortesias com aquela serie de filhos cavaleiros, vem á recordação a ideia dos tais copos, ou de certas caixinhas japonesas que, sempre com outras dentro, se prolongam até ao infinito... e o infinito neste caso é tão infinito que, depois do Manoelinho, Joséinho e Fernandinho, já se fala na miudinha que brevemente continuará a tradição de Viseu.

Que estas graças são apenas graças e por acaso sem graça nenhuma, pois somos amigos dos valentes miudos, tendo pelo pai grande estima, pelo Manoel apreço por sua linha, pelo Zé miudo verdadeira admiração e pelo Fernando, e todos os Casimiros que venham a aparecer, simpatia ás arrobos.

E por isto ser só graça, direi que a *matinée* tauromaquica de domingo esteve engraçada, engraçada a valer.

Quando a geração de Viseu entra de se abraçar, beijar e brindar do meio da praça é da gente ensopar os lenços em lagrimas. Ai filhos!

E o *Albagueño* tambem foi na *fita*, ali todo direito e elegante, com suas



Apologistas de touros de morte

posturitas e pamplinas. Vaya un niño!

Estava anunciado que não havia forçados por estarem os touros tão corpulentos que ninguem os poderia pegar. E como afinal o Edmundo surgiu, com a sua fila de pegadores, chegámos todos á conclusão de que os tourinhos tinham emagrecido na praça. Se *calhar*, foi com o medo produzido pela probabilidade de se afixar aquele *placard*, que chegou a estar impresso, anunciando a morte dalguns dos animaisinhos.

Infelizmente, para os bichos, a lei é de funil, e os que não foram mortos no Matadouro, após uma noite de sofrimentos pelas farpas arrancadas com sua pontinha de febre e ardor do sal e vinagre, lá voltaram para a lezíria, chorando sua triste sorte de aumentarem as recordações da vinda á praça com a ameaça de voltarem a receber tão raras caricias.

Mas isto, que é tão simples, não entra na cabeça dos que por bem defendem tão paradoxal sistema de proteger animais... ferozes.

Perez-Lachaise.

De semana...

Ha no nosso país uma perniciosa caterya de organizadores profissionais que, á falta de qualquer predisposição para um trabalho aproveitavel e fecundo, deu agora em entrar de semana com as coisas mais sérias da vida, organizando a completa desorganização dos nossos costumes com a perpretação de festas civicas, religiosas ou neutras, em regra doeadas por especialidades e em periodos successivos de sete dias.

Havia já, além doutros, o «dia de juiso», que é uma coisa que os portugueses estão fartos de saber que existe, e ha tambem, além doutros, o «ano da fome», de cuja existencia nem todos terão conhecimento directo, mas que é da intima privança de alguns amanuenses do Estado, das viúvas pensionistas e dos jornalistas desempregados. Do tempo, era a semana a unica fracção que, por infracção de preceitos de equidade, não gosava o sabor popular e tradicional das alcunhas.

Tardou, mas arrecadou. Agora já se não passa uma unica semana sem referenduns e são tantos e tão variados que a gente se vê em palpos de aranha para trazer as semanas em dia. Cada uma tem o seu assunto e, por sua vez, cada assunto tem o seu numeroso programa, que em regra enfastia o auditorio, que o grama por devoção de officio.

Houve a «Semana da Criança», onde incorrigíveis oradores de primeiras letras pespegaram aos miudos discursos de tal extensão e distensão — não confundir com distincção — que nunca aos pobres pequeno das escolas uma semana se pareceu tanto com a eterna infinidade dos seculos; houve in *continenti* a «Somana das Colonias», onde, com poucas excepções, os numeros «ue eram de graça não tinham graça nenhuma; Acacio de Paiva, puxando a brasa á sua sardinha, alvitra na *Fita da semana* a «Semana dos Velhinho», e temos á

porta a «Semana dos Hospitais», que é meio caminho andado para a do cemiterio, onde tambem havemos de chegar, se Deus nos dê vida e saude...

Além destas, officiosamente tuteladas pela Polhinha, com sanção das respectivas autoridades burocraticas, ha as semanas vagahundas que surgem inesperadamente, como por exemplo succedeu agora com a «Semana dos Alemães» e a «Semana dos Boatos».

A «Semana dos Alemães» foi, como eles proprios, toda puxada á sustancia. Houve recepção no Jardim Zoologico e, ao que parece, tolerancia de ponto na Aldeia dos Macacos, pois encontrámos muitos jardinando pelas alamedas do parque. Nas ruas, nos restaurantes, nos clubes, em toda a parte os nossos visitantes foram de uma compostura admiravel, mostrando ter tudo de alemães. De boches, nada. A persistente continencia militar que tinham para conosco correspondia inteiramente á incontinencia de lingua que tivemos para com eles.

Por fim, sempre tão correctos e enluvaços os vimos, que nós, enlevados de todo, nos puzemo «tu cá, tu lá» com eles, como se fossem os soldados mais rossos conhecidos do mundo. E essa foi, sem duvida, a unica nota destoante, porque não faz sentido que nos mostremos tão conhecidos desses soldados do exterior quando ainda temos de respeitar no interior o «oktado desconhecido».

Depois tivemos a «Semana dos Boatos» e destes devemos dizer que não são tão menos elegantes que os alemães, pois a censura fá-los sempre aparecer de ponto em branco. E eis tudo quanto se pode dizer da «Semana dos Boatos» porque, nessa materia, a Censura está empre de semana conosco.

Antonino.



Guardado está o café para quem o ha de pagar,

Chão d'Urugas

Cantigas para cravos

O' santinhos foliões,
Deixae falar os ateus,
Fazer bem aos corações
E' cumprir a lei de Deus!...

Isto de um cravo trazer
Só diz sincera paixão...
Por amor quiz Deus morrer
Com um cravo... em cada mão!

Descansa os labios suaves
Nos labios de quem me deu...
Os beijos tambem são chaves...
Na boca... tambem ha céu!

Como a leve mariposa,
—Nem sei porquê adivinho...
Entre dois botões de rosa —
Vai pousar este cravinho...

Sentinelas no teu peito,
Este cravo não deserta...
Se lá vir alguém suspeito,
O cravinho grita: A'lerta!...

Este «cravo pequenino»...
Que Nosso Senhor o fade
Para ditos assassinos
Dalguma «grande saudade»!

S. Pedro que nunca quer
Dar o perdão a quem peça,
Tudo dá... a quem lhe der
Remedio... para a careca!...

Rui d'Aço.

Uma viola num enterro

O mimoso coronel e destemido poeta sr. Mario de Campos avançou até ao *front* literario e cometeu quatro linhas de versos para glorificar os antigos alunos da Escola Militar mortos em campanha. Embora as primeiras linhas sejam sempre as mais perigosas, as quatro linhas do sr. Mario de Campos são todas igualmente mortíferas.

Veja o leitor:

A todos vós o nosso peito abarca
E glorifica pelo tempo fóra

—Fóral Fóral!—repetem os ecos...
Resando o verso eterno de Petrarca
«Un bel morir tutta la vita onora»

—Ora, ora, ora—repeton os ecos.

Os versos são fraquitos, mas o conceito é verdadeiro. Ha poetas que deviam honrar a sua vida literaria por este processo, ainda que não fosse senão para desafrontar os mortos.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Aviso ao publico

(5.º Aditamento ao Aviso ao Publico A. n.º 82)

MULTIPLICADORES

Determinando o decreto n.º 12.748, de 26 de Novembro de 1926, que os transportes de carvões mineirais nacionais e briquetes de carvões mineirais nacionais deverão ser acompanhados de guia de transito, esta Companhia faz publico que sómente será applicado o multiplicador G estabelecido para estas mercadorias, quando as remessas sejam acompanhadas da respectiva guia de transito, assinada pelo proprietario da mina e com a aposição do selo em branco da respectiva circunscrição mineira.

N. B.—Em conformidade com o disposto no Decreto n.º 13.636 de 17 de Maio deste ano, serão consideradas briquetes nacionais as que contemham até 30 por cento de carvão estrangeiro.

Estas disposições são applicaveis em toda a rede explorada por esta Companhia.

Lisboa, 16 de Junho de 1927.—O Director Geral da Companhia, (a) *Ferreira de Mesquita*.

S. JOJO

